

DE JOÃO PAULO II A BENTO XVI

*António Maria M. Pinheiro Torres**

1. João Paulo II teve um pontificado pleno.

– Pela sua contribuição para a universalidade de Cristo, ao comunicar a sua mensagem, as mais das vezes em contacto directo com a humanidade, nas acções pastorais e nos inúmeros encontros em Roma com Cardeais, Bispos, consagrados ou leigos.

Produziu um número invulgar de encíclicas, exortações apostólicas, discursos e mensagens. Acompanhado pelos meios de comunicação social, a sua palavra chegou a todas as partes, plena de humanismo e fé inabalável.

A 23 de Outubro celebrou 26 anos de Papado. Em toda a história do cristianismo somente seis Papas governaram a Igreja tanto tempo. Nestes 26 anos, João Paulo II realizou 93 viagens internacionais e 137 em Itália. Escreveu 14 encíclicas, 15 exortações apostólicas, 11 constituições apostólicas e 46 cartas apostólicas. Convocou 12 sínodos, proclamou cerca de 1235 beatificações e canonizou 482 Santos. Convocou 9 consistórios para a criação de novos Cardeais. E nomeou 232 Cardeais, um dos quais “in pectore”.

– Pela sua contribuição para o ecumenismo, para a unidade dos cristãos (católicos, reformados e ortodoxos) e para a concórdia com outras Igrejas, judaicas ou muçulmanas. Foi um fiel continuador dos princípios ecuménicos do Concílio Vaticano II, enquanto no seu ministério clarificou a herança da doutrina católica, manteve a Igreja Universal em união e reacendeu o espírito católico. Perante os conflitos apelava à convivência pacífica.

João Paulo II esteve muito à frente do seu tempo no que respeita ao diálogo ecuménico, com as diferentes confissões cristãs e ao diálogo inter-religioso com os diferentes credos.

Um seu grande sonho era a reconciliação da Igreja Católica com os Ortodoxos.

* Professor Universitário (Universidade Lusíada, Universidade Portucalense).

Com o desmoronamento da URSS, estabelece contactos com os cristãos de rito bizantino da Ucrânia que decidiram manter-se unidos a Roma – chamados Uniatas. Contudo, o patriarca ortodoxo de Moscovo temeu todo este movimento, prevendo a sua expansão e logo avisou que não queria ver o Papa na sua terra, acusando a Igreja católica de estar, na sua perspectiva, a praticar proselitismo. Verdadeiramente, surge a velha dúvida para os ortodoxos: mantém-se a questão de saber se Pedro deverá ser chefe de uma Igreja una, ou se um símbolo de uma unidade na diversidade.

João Paulo II na ocasião desabafa nos seguintes termos: “Na Europa a caminho da unidade política, será possível que a Igreja de Cristo seja um factor de desunião e discórdia? Não será este um dos maiores escândalos do nosso tempo?”.

Em 1995, e a propósito deste facto, escreve a encíclica *Ut Unum Sint*.

Dez anos após João Paulo II devolveu à Igreja Ortodoxa Russa o Ícon da Madre de Deus de Cazan. À Igreja Ortodoxa de Constantinopla ofereceu as relíquias de S. Gregório de Nazianzo e de S. João Damasceno. Sinais de que o Papa nunca desistiu do seu sonho.

Em pouco mais de duas décadas João Paulo II repôs a Santa Sé no mapa geopolítico. A diplomacia do Vaticano arbitrou conflitos e marcou posição em todas as etapas decisivas da cena política internacional.

Outro objectivo, consistiu em iniciar relações com a República Popular da China e com a Coreia do Norte, que por ocasião da sua morte enviaram mensagens de condolências.

Foi um homem de fé, coragem, optimismo, devoção e perdão. Nos dois encontros de Assis em 1986 e 2002, proclama que há valores comuns em todas as religiões: sacralidade da vida, respeito pela dignidade humana, luta contra a pobreza e a procura do bem. A história há-de lembrar para sempre esses célebres encontros inter-religiosos de Assis.

O Espírito de Assis será, porventura o que será mais recordado ao invocarse os 26 anos de pontificado de João Paulo II.

Entretanto, o Papa enviou a todos os chefes de Estado uma carta com o “Decálogo de Assis para a Paz”. No diálogo inter-religioso, judeus, muçulmanos e cristãos perceberam que a paz do mundo, ameaçada pelo terrorismo, dependia também do abraço que pudessem dar entre si.

Pese embora as raízes cristãs da Europa, constata-se, de facto, que a adesão religiosa institucional é cada vez menor, e por outro lado o cristianismo parece ter deixado de ser a única religião no velho continente. Por isso nos interrogamos sobre como vai a União Europeia lidar com as religiões de modo a evitar os crescentes fundamentalismos.

– Pela sua notável contribuição para a defesa da vida. Uma cultura de vida que se contraponha com vigor a uma cultura de morte. A coragem ao promover a vida, ao condenar o aborto, a eutanásia, a clonagem. Opondo-se com firmeza às

uniões de facto, ou reprimindo o divórcio e todos os actos contra-natura. Pela defesa do humanismo, valorizou o sofrimento de que nos deu exemplo, exaltou o amor à vida e a imagem da esperança.

– Pela sua contribuição para a valorização da família. A família, sustentava, “é uma igreja em miniatura”, uma célula primeira da qual deriva uma comunhão de pessoas. É uma imagem da união de Cristo e Igreja.

No plano humano, apelou para a união conjugal que supõe fidelidade entre os cônjuges. Orientou-se pela teologia da comunhão, para revivificar a teologia do casamento e da vida familiar.

– Pelos seus apelos à justiça. Na defesa dos mais desfavorecidos: dos pobres, doentes, velhos, crianças, dos perseguidos, dos que vivem na solidão ou enfrentam a discriminação por outras culturas.

– Pela sua contribuição para o entendimento entre povos, raças, crenças diferentes, condenando todo o tipo de violência e sublinhando os laços de solidariedade e de humanidade.

Fez apelo à globalização da solidariedade para que se extinga a pobreza.

Neste domínio, a Santa Sé tem revelado sérios receios perante “poderosos lobbies”, culturais, económicos e políticos, normalmente arrogantes, com enormes disponibilidades económicas, que constituem a globalização de que tanto se fala nos nossos dias.

– Pela sua fidelidade a Cristo e Maria (a quem, sob o lema “Totus Tuus”, consagrou o Mundo). Ele personificou a palavra do próprio Cristo: Não Temais.

– Pela sua contribuição a favor da paz. Ao promover a unidade da Europa e contribuir decisivamente com o Presidente Reagan para a “queda” do comunismo e fim da guerra fria em 1988. Ou ao temer que a Ciência e Tecnologia, a cultura científica, que tanto exaltou, produzisse novas desigualdades sociais ou ocasionasse desastres biológicos, químicos ou nucleares.

Teve a coragem de reconhecer erros passados, estabelecendo o novo modelo de relacionamento, honestidade e humildade. E no domínio político exaltava sempre a história das Nações, dirigia críticas severas ao socialismo de Estado ou ao capitalismo selvagem.

Depois, a sua insistência constante no concernente à Pessoa Humana, com dignidade inviolável e direitos inalienáveis. Nestes aspectos era o personalismo a opor-se ao individualismo. Era o seu *personalismo teológico*. Porque eminentemente social e humano, assentava na natureza Divina, contra o materialismo histórico.

Pela sua própria experiência era defensor da liberdade que nos dignifica e não tiraniza, e opondo-se com firmeza ao Estado protector, que limita a iniciativa dos cidadãos.

Muito para além do exposto que se consubstancia na expansão de Cristo, o respeito pela pessoa e pela vida ou contributo para a paz. João Paulo II quis

conciliar a FÉ e a RAZÃO. Escreveu uma carta Encíclica sobre esta matéria, um documento de maior interesse, dada a profunda ligação entre o conhecimento da fé e o da razão. É uma contribuição importante dada pelo Santo Padre para a incidência destas duas realidades, que pareciam inconciliáveis.

Aliás, na encíclica *Redemptoris Hominis* escreveu: “a Igreja, por sua vez, não pode deixar de apreciar o esforço da razão na consecução de objectivos que tornem cada vez mais digna a existência pessoal. Na verdade, ela vê na filosofia o caminho para conhecer verdades fundamentais relativas à existência do homem. Ao mesmo tempo, considera a filosofia uma ajuda indispensável para aprofundar a compreensão da fé e comunicar a verdade do Evangelho a quantos a não conhecem ainda”.

Foi o Papa que pelo *Esplendor da Verdade* abriu as portas do século XXI.

2. E com Bento XVI?

Eu entendo que é um homem certo para um momento incerto.

Parece evidente que, do ponto de vista da liderança e do ponto de vista teológico, a Igreja quis, nesta altura, uma mão firme, na doutrina, na fé e na governação. E o Cardeal Ratzinger é homem firme nos princípios que o iluminam, um teólogo insigne de grande projecção.

Com certeza que não irá pactuar com actos *contra natura*, nem permitir desvios de carácter teológico.

Como disse na Missa celebrada antes do conclave: “Adulta não é uma fé que segue as ondas da moda e da última novidade. Adulta e moderna é uma fé profundamente ancorada na amizade com Cristo, isto é, na medida do filho de Deus, na medida do verdadeiro humanismo”.

O novo Papa defende, assim, uma fé clara que vá às raízes do cristianismo, e não reformas apressadas ou de ocasião.

O Papa referiu ainda o seguinte: com frequência a Igreja foi sacudida de um extremo ao outro: do marxismo ao liberalismo, até ao libertinismo, do colectivismo ao individualismo radical, do ateísmo a um vago misticismo religioso, do agnosticismo ao sincretismo, etc.

Caminhos, todos eles, recusados pela Igreja. E recusa ainda uma ditadura do relativismo que não reconhece nada como definitivo e que só deseja como última medida o próprio eu e os seus desejos.

O facto é que os que se *consideram excluídos* querem fazer parte da Igreja do futuro: homossexuais, divorciados que voltaram a casar, teólogos progressistas ou defensores da teologia da libertação, esperam que um dia a Igreja mude e lhes abra as suas portas. Ou que se pronuncie a favor do celibato facultativo dos padres e da ordenação das mulheres e receba de braços abertos os homossexuais.

E ele responde:

“O meu verdadeiro programa de governo é o de não fazer a minha vontade, de não prosseguir com as minhas ideias, mas colocar-me à escuta da palavra do Senhor, com toda a Igreja, de modo a que seja Ele mesmo a guiar”.

Bento XVI ensinou que o seu pontificado será de continuidade e recuperou expressões do seu antecessor Karol Wojtyła: “Não tenhais medo, abri as portas a Cristo”.

Quanto a nós, o grande desafio coloca-se a nível da Nova Evangelização. Efectivamente necessitamos de ser evangelizados. Tal como o fizemos a outros povos.

Cristo e o Novo Mundo, Cristo e a Eucaristia nos nossos dias... o conceito de pecado... onde termina a liberdade religiosa e começa a liberdade de consciência – sucedem-se as questões, a que os teólogos terão que dar resposta. E o Papa tem autoridade e conhecimento e força para nos conduzir, na base da sua infalibilidade.